

INSURGÊNCIAS E RE(EX)SISTÊNCIAS AOS ECOS COLONIAIS: ENSAIO SOBRE AGENCIAMENTOS ARTIVISTAS

INSURGENCES AND RE(EX)SISTENCES TO COLONIAL ECHOS: ESSAY ON ARTIVIST AGENCIES

Recebido em: 16/08/2023

Reenviado em: 14/03/2024

Aceito em: 20/03/2024

Publicado: 14/05/2024

Carlana Faria Rocha¹ 

Universidade Federal do Oeste da Bahia

Carlos Henrique de Lucas² 

Universidade Federal do Oeste da Bahia

Resumo: Propomos, neste ensaio, uma reflexão acerca dos impactos políticos do que nomeamos a(r)tivismos de atitude decolonial. Dialogamos com pessoas autoras vinculadas aos Estudos De(s)coloniais, bem como com produções e criações performáticas de pessoas artivistas, as quais aparecem no texto não como simplesmente “objetos de análise”, característica comum em muitas investigações, mas sim como inspirações conceituais e teóricas. Conceito central no texto, ecos coloniais é chave de leitura para pensarmos as ressonâncias do projeto colonial, bem como para compreendermos as formas criativas de re(ex)istência cultural mobilizadas pelos a(r)tivismos com os quais dialogamos. O ensaio conclui no sentido de que os activismos de atitude decolonial representam insurgências criativas que se apresentam como respostas aos inúmeros poderes de governação da vida, em especial o racismo e a heteronormatividade.

Palavras-chave: Artivismos de(s)coloniais; De(s)colonialidade; Insurgências criativas.

Abstract: In this essay, we propose a reflection on the political impacts of what we term decolonial attitude activism. We engage in dialogue with authors associated with De(s)colonial Studies, as well as with the productions and performative creations of activist individuals. These individuals do not merely serve as "objects of analysis," a common approach in many investigations, but rather as integral to our conceptual and theoretical framework. A central concept explored in the text is colonial echoes, which serves as a crucial lens for understanding the reverberations of the colonial project and the creative forms of cultural re(ex)istance mobilized by the activism under discussion. The essay concludes by asserting that activism with a decolonial attitude represent creative insurgencies that serve as responses to the various forms of power governing life, particularly racism and heteronormativity.

Keyword: Activism of (s)colonials; Decoloniality; Creative insurgencies.

*Eu sonho mais alto que drones
Combustível do meu tipo? A fome
Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)
Pra que amanhã não seja só um ontem com um novo nome
O abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte)
Findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais)
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
Estilo água, eu corro no meio das pedra*

¹ Mestra em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). E-mail: crocha@tjba.jus.br

² Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB). E-mail: carlos.lucas@ufob.edu.br

*Na trama tudo, os drama turvo, eu sou um dramaturgo
Conclama a se afastar da lama enquanto inflama o mundo.
(EMICIDA, 2019).*

INTRODUÇÃO

Essa epígrafe, que apresenta os versos de uma canção que entendemos e defendemos como ativismo, produzido/criado por um corpo negro, aponta no sentido da resistência, ou como preferimos, re(ex)sistência (LIMA, 2017), a qual se vale da arte para “arregaçar, como um ciclone”, a lógica prevalecente do colonizador, que impõe divisões espaciais racistas, verdadeiras marcas no corpo-território. E o espaço destinado a esses corpos é o da inferioridade, lugar de violências cotidianas, exclusões, silenciamentos, apagamentos e, no limite, a morte.

O colonizador europeu, alegadamente superior, decidiu, há mais de 500 anos, que os melhores lugares seriam os dos brancos. Lugar de preto em tempos de colonialismo era as senzalas e, depois, a pobreza na cidade e no meio rural. O eu-artivista que enuncia nos versos anotados acima declara pros mano que seu lugar é mais que essa "merda", ele corre e faz “seus corres no meio da favela”, e, com sua arte, conclama as pessoas “manas” a se afastarem da lama, lugar em que o colonizador colocou – e ainda teima por colocar – as pessoas negras, as mulheres, as LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais...), as indígenas, dentre outras subjetividades injuriadas.

A emancipação das colônias aconteceu, mas o vírus colonial transmutou-se em formas agressivas: as colonialidades do poder, saber e ser – e também do sentir – que se replicam de formas, tempos e espaços diversos (OTOYA, 2012). No colonialismo, terras foram invadidas; naturezas e culturas, destruídas; povos originários e negros, escravizados, torturados e mortos. As terras do continente americano, mãe terra, bem como mulheres negras e indígenas, torturadas, estupradas, objetificadas e mortas. O período da colonização passou, mas o vírus do colonizador é resistente, e, no século XXI, continua provocando mortes e impondo espaços e estereótipos marginais e inferiores às pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, mulheres, com foco especial às mulheres negras. As mortes são projetadas nos corpos como telas dos acontecimentos e produzidas por esse vírus que se replica e faz multiplicar colonialidades em muitas dimensões.

Outro fator que motivou a escolha dos ativismos e seus aparecimentos de atitude decolonial foi a fusão de dois temas que nos movem: arte e ativismo, fortes e presentes em toda nossa trajetória, ou seja, é possível compreendê-los entrecruzando a visão de mundo (ativista e artística) e os acontecimentos da vida. Por essa via, refletimos sobre essas escolhas com o

seguinte alerta: “o perigo é não fundir a nossa experiência pessoal e a visão de mundo com a realidade, com nossa vida interior, com nossa história, nossa economia, nossa visão” (ANZALDÚA, 1981, p. 229). Ela, ainda, enfatiza que “o que nos valida como seres humanos, nos valida como escritores” (ANZALDÚA, 1981, p. 229).

Nesse contexto, as cenas artivistas nos provocam, trazendo conhecimentos outros, verdadeiras re(ex)sistências aos ecos coloniais. Os artivismos nos ensinam ao produzirem perspectivas, olhares e reescrituras sobre possibilidades de vivências mais confortáveis – mais vivíveis, diríamos –, na medida em que vislumbram e propõem formas de reescrever e, quem sabe, superar as colonialidades (LIMA, 2017; COLLING, 2021).

Ao nos propormos abordar os a(r)tivismos como enfrentamento às colonialidades e seus ecos, pensamos que os artivismos (arte e ativismo) podem ensinar, e muito, bem como indicar algumas estratégias minoritárias com vistas a recusar e a superar os ecos coloniais³. É sobre isso que este ensaio tratará.

Os artistas também aparecem neste trabalho como referenciais teóricos, os textos e cenas aparecem nesta dissertação, não como objetos de estudo, mas como fontes potentes de epistemologias, saberes do Sul. Isso aconteceu em um movimento de fluxo. Porém, no processo de escrita, pensamos contraditório seria afirmar as artes como fonte de conhecimentos se nós não dialogássemos e caminhássemos com elas. O intuito é refletir sobre os agenciamentos dos corpos em performances presentes nas agendas políticas artivistas, bem como propor um conceito de artivismo de atitude decolonial, nossa contribuição teórica à discussão, crescentes nos últimos tempos, sobre artivismo (RAPOSO, 2015; FERREIRA, 2015; COLLING, 2018).

O CORPO COMO TELA DOS ACONTECIMENTOS ARTIVISTAS

As agências dos corpos como tela, corpo-performance, interessam-nos neste ensaio. Propomos uma reflexão sobre o que entendemos como artivismos de atitude decolonial. Uma das perguntas centrais deste texto é: o que querem os artivismos de atitude decolonial? Quais suas urgências? Para apresentar essas atitudes de ação decolonial, através da arte, e sobre elas

³ Ecos coloniais é forma como nomeamos os impactos, quase sempre deletérios, do processo colonizatório na vida de todas as pessoas, notadamente daquelas pessoas reputadas como *outras*. Vale registrar, no entanto, que uma leitura decolonial, em nosso sentir, adequada desse conceito, entende que a colonialidade nos lega um poderoso instrumento de leitura do mundo, originado no Ocidente, e que não desprezamos. Não se trata de inverter os polos e de positivar, agora, o minoritário. Não, em absoluto. Trata-se, antes, de mapear as transmutações do colonial no tempo presente, seus impactos nas relações sociais e nas políticas públicas contemporâneas. Mapear, dando-lhes corpo, é dizer, visibilizando-os e, para além disso, anotar as estratégias de re(ex)sistência a seus poderes de governação da vida. E é a esse último ponto que este ensaio se dedica.

refletir, passearemos por cenas, imagens e textos literários que consideramos questionadores das heranças coloniais.

O ativismo, para nós, constitui-se como ação política artista, potência questionadora dos ecos coloniais do passado, e também do presente, e daí a importância do conceito de ecos coloniais, posto que o passado, só por ser passado, não se esgota, mas projeta sobre nós, em feixes, seus tenebrosos efeitos. A arte, isto é, a alteração do mundo pela ação criativa da humanidade, é a contingência daquela ou daquele que ousa (de)formar a vida. Nesse sentido, pretendemos chamar a atenção para aquele tipo de ação artística comprometida com a visibilização dos ecos coloniais e com a formulação de rotas de fuga, caminhos que, talvez, tornem possível fazer fugir⁴ as heranças coloniais. À medida que apresentamos as ações artísticas, refletiremos sobre as heranças coloniais como disparadoras de urgências e emergências que movem os corpos rebeldes a performar, ao mesmo tempo em que tentaremos questionar as possibilidades de reinvenção do mundo reivindicadas por eles.

Vale mencionar o projeto da Despina, "Arte e Ativismo na América Latina", que nos fez mover a mão ao papel, ou à tela, para pensar com e a partir de suas práticas. Esse projeto, nos anos de 2016 a 2018, abrigou um programa de residências artísticas com várias ações, tais como ocupações, oficinas, conversas, encontros públicos com artistas do Norte do Brasil e do Chile. Segundo a apresentação dos integrantes, Bassanesi e Altamayer (2018), as práticas artísticas e ativistas desse projeto funcionaram como um “terremoto” de ações vanguardistas e revolucionárias com o potencial de provocar rachaduras em estruturas sociais coloniais. As pessoas organizadoras desse projeto chamam a atenção para as formas de vidas discordantes – dissidentes, as quais se rebelam com e pela arte, lançando mão dela como ferramenta política. Os temas mobilizados por esse projeto artístico são o racismo, as violências de gênero, o extermínio dos povos indígenas, a moralização e a normatização de corpos, as notícias falsas, dentre outros não menos importantes. Em nosso entender, esse projeto evidencia, por conta de seus temas insurgentes, um ativismo de atitude decolonial.

Pela perspectiva teórica de Castro-Gomes (GROSSFOGUEL, 2007), os autores Almeida e Silva (2015) sintetizam essas heranças como lógica, e o legado colonial presentes nas estruturas, instituições, nas mentalidades, imaginários, subjetividades e epistemologias, os

⁴ Há um jogo, e que nos parece interesse sublinhar aqui, entre, de um lado, o rechaço do colonizador frente o pensamento rebelde, insubmisso, que o expulsa, por vezes violentamente, e, de outro, a aparência *monstruosa* do *outro* que, no susto, na perplexidade da diferença, *faz fugir* o colonial. É o monstro calibã que ao mesmo tempo em que assusta, atrai os olhos daquelas pessoas que o contemplam. Estariam os ativismos de atitude decolonial, ao tempo em que atraem, expulsando, *fazendo fugir*, as perspectivas coloniais?

quais, até hoje, regulam a forma e o conteúdo das sociedades atuais. Colonialismo e Colonialidade, presente e passado, se fundem em lógicas extremamente semelhantes. As colonialidades são questionadas, tensionadas, sacudidas pelas cenas artivistas. Contra-narrativas, reescrituras críticas do passado histórico, por meio de outros olhares, de forma rebelde e desobediente, às cartilhas coloniais, são elaboradas.

Neste escrito, com vistas a ensaiar uma resposta a essas questões, comentamos algumas cenas artivistas à luz das provocações genealógicas de Foucault (1993), autor esse quem recusa discutir a origem como essência exata das coisas. Assim, não nos interessa discutir a origem de certos artivismos, mas, ao contrário, investigar as fricções, as tensões no corpo social que produzem esses movimentos; interessa-nos ver os deslocamentos, as marcas mesmas que os artivismos de atitude decolonial provocam nos regimes de assujeitamento, notadamente o racismo e a heteronormatividade. O que pretendemos comentar são as insurgências rebeldes e seus potenciais revolucionários. Inspiramo-nos em duas pesquisas. A primeira, “Linguagens Pajubeyras” (LIMA, 2017), investigação sobre as emergências da linguagem das pessoas dissidentes de gênero e sexualidade como resistência e deslocamento a um eco colonial: a heteronormatividade. A segunda, “A Emergência e Algumas Características das Cenas Artivistas das Dissidências Sexuais e de Gênero no Brasil da Atualidade” (COLLING, 2019), que faz um passeio pelas cenas desses artivismos, através da genealogia foucaultiana com duas abordagens que se complementam: a proveniência e a emergência (FOUCAULT, 1993).

Percebemos semelhanças entre as “emergências” que impulsionam os corpos às lutas transformadoras com o que Judith Butler (2018) reflete como urgências para ações performativas corporais plurais que chamam atenção à sobrevivência de corpos que sentem necessidade de construir uma vida boa com condições democráticas. Como diz a mesma Butler (2018, p. 144): “Essas são condições da vida democrática no sentido de que fazem parte de uma crise em andamento, mas também porque pertencem a uma forma de pensamento e de ação que responde às urgências de nosso tempo”. Acrescentamos essa analogia ao questionamento central das investigações. Que condições de emergência e urgência provocam os aparecimentos desses artivismos?

As ações artivistas misturam arte e ativismo político em que os corpos se colocam como cenário de luta e subversão de realidades opressoras, insurgindo-se contra elas. “Insurgir-se, associa-se, então, sinonimicamente, a sublevar-se, amotinar-se, revoltar-se, surgir de dentro, reagir, opor-se, tudo sinônimos próximos do desejo insurrecional, da insurgência” (RAPOSO,

2015, p. 7). Compreendemos que os ativismos propõem em suas insurgências confrontos, questionamentos e superações das desigualdades, produtos das relações de poder e, também, reivindicações por democracia e existências possíveis.

DECOLONIZAR E QUEERIZAR

Pensar a democracia com a manutenção das desigualdades é uma profunda contradição, uma vez que essas mesmas desigualdades encontram sua força nas heranças coloniais, as quais cerceiam, limitam e violentam existências. Os estudos subalternos, nesse sentido, e dentre eles em especial os estudos queer (MISKOLCI, 2009), questionam as ausências, as lacunas e as contradições da democracia. Queerizar nos sugere movimentações de várias formas pelo aperfeiçoamento dos processos democráticos na sociedade, vislumbrando espaços confortáveis para as inumeráveis possibilidades existenciais. O Rourke (2006) usa repetidamente palavras como girar, retorcer e torcer, recordando que as raízes da palavra queer remontam aos movimentos de revirar e voltar. Esse autor reflete sobre o giro sugerido por Derrida (2004) como movimento de girar em torno de um apelo futuro de um por vir, em torno da questão da democracia.

As práticas culturais de atitude decolonial propõem movimentos teóricos e práticas políticas. Girar sem se consolidar como práticas reconstrutoras de um lugar definitivo, mas se movimentar em torno das ausências de lugares democráticos para se viver. A vida desconfortável inquieta os corpos a se mobilizarem por outras realidades confortáveis. As vulnerabilidades impostas pelas verticalidades invisíveis estabelecidas pelas colonialidades inquietam e provocam insurgências e movimentações criativas de resistência e re(ex)sistências sem referências fixas. As colonialidades reproduzem exclusões, violências, incomodam e provocam urgências de movimentações para um lugar habitável, não definido, mas deslocado das realidades sufocantes. Nesse sentido, podemos pensar semelhanças de atitudes rebeldes entre os giros do queer e dos movimentos decoloniais.

Desvencilhar-se dos sufocos urgentes em ações coletivas que podem ser provisórias e efêmeras, sem diretrizes, mas em e por outras direções melhores onde os corpos possam estar e ser. Tanto o queer quanto os ativismos de atitude decolonial movimentam-se contra opressões para existir e resistir. O Rourke (2006, p. 131) provoca reflexões do que seria esse porvir, um tempo sem definição, alheio à teleologia e às expectativas de uma salvação, mas que, apesar de tudo, há um futuro, tempo não alheio à justiça, heterogêneo e rebelde. O que parece comum

entre o queerizar e os corpos em atitude decolonial são as movimentações rebeldes contra os poderes que inviabilizam, oprimem e invisibilizam outras, antigas ou novas existências dissidentes de uma abstrata democracia da desigualdade, tempos de apenas uma opção (MIGNOLO, 2017).

Os ativismos de atitude decolonial constituem-se como potências políticas no projeto prático e político de insurgências, resistências e re(ex)sistências dos corpos e territórios inferiorizados pelas relações de poder impregnadas nas várias formas de colonialidade. Esses artistas rebeldes colocam suas artes em cenas, colocam seus corpos e múltiplas linguagens em cena para questionar narrativas de opressão, apresentar contranarrativas, ou, ainda, visibilizar suas próprias histórias apagadas, invisibilizadas ou descredibilizadas. Lutam como resistentes em movimentos de trincheiras, em guerras para tensionar hegemonias impostas pelas colonialidades do poder, do saber e do ser.

DE(S)COLONIZAR: INFLUXOS ENTRE PASSADO E PRESENTE

Partindo de reflexões de Dussel (2005) de que a expansão europeia se instituiu por essas terras a partir da expansão europeia a partir do século XV, Lima (2017, p. 40), sobre esse empreendimento colonial europeu, reflete: “fundaram formas específicas de interpretar a vida, ou seja, maneiras, no mais das vezes violentas de produzir sentidos no mundo”. A identidade europeia, nesse sentido, se impõe como modelo ideal de interpretar o mundo. As formas de ver o mundo dos corpos colonizados é rotulada, nessa perspectiva, como inferior.

Percebemos a heteronormatividade como uma herança colonial. As heranças coloniais se mantêm e, ainda, replicam-se. Portanto, há muitas desconstruções e reconstruções a serem imaginadas e tentadas. Dentre os espaços das minorias que realizam lutas de atitude decolonial há opressões coloniais que vão se revelando, a exemplo do feminismo branco como opressor de outras mulheres atravessadas pelo racismo. Lugones (2014, p. 948) reflete sobre um espaço da diferença colonial, locus fraturado, sempre performados neste habitar da diferenciação e que ela em seguida relaciona com um movimento de ética de coalizão de uma base povoada em resposta à colonialidade de gênero partindo desse lugar de fratura. Ao pensarmos nesse movimento de coalizão como união de forças como resposta ao poder impositor da colonialidade de gênero, dialogamos com a autora, Eliane Potiguara, no poema o Segredo das Mulheres, no qual ela afirma:

No passado nossas avós falavam forte.
Elas também lutavam
Aí chegou o homem branco mau
Matador de índio e fez nossa avó calar
E nosso pai e nosso avô abaixaram a cabeça (POTIGUARA, 2018, p. 75).

Esse trecho evidencia a colonialidade de gênero silenciando as mulheres, a ancestralidade feminina indígena, percebemos nesse poema atitude decolonial questionamento ao silenciamento imposto pela lógica que subalterniza a existência feminina. Mais a frente no poema em tela, a atitude decolonial de coalizão vislumbrada por Lugones aparece como união de vozes contra a colonialidade de gênero:

Por isso homens e mulheres juntos são fortes
E fazem fortes seus filios
Para defenderem o segredo das mulheres
Para que nunca mais aquele homem branco
Mate a história do índio (POTIGUARA, 2018, p. 76).

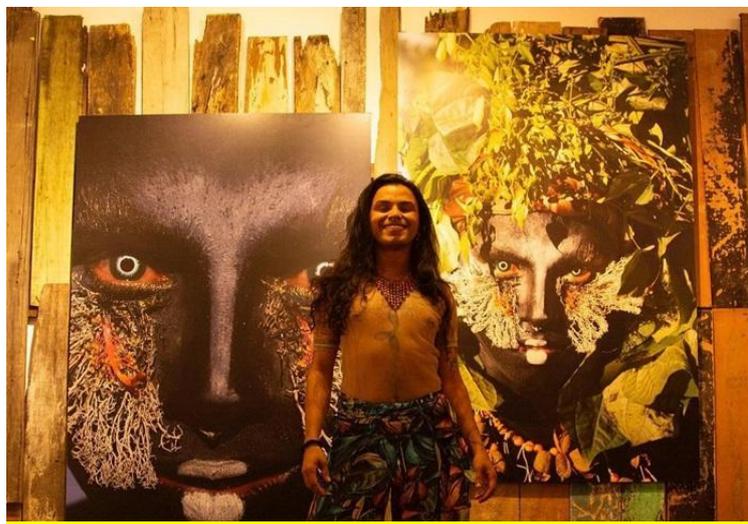
Percebemos que a luta pela identidade e cultura como superação das colonialidades do poder, saber e ser se misturam às lutas de gênero. Isso nos provoca o repensamento sobre as replicações das colonialidades como vírus e as respostas de opção decolonial partirem de pessoas sujeitas aliançadas por vidas vivíveis e lugares habitáveis reimaginados coletivamente.

Nesse sentido, os movimentos negros são confrontados com necessidade de assumir as lutas das mulheres negras. Há que se comentar, ainda, a vigência de lógicas heteronormativa e androcêntrica, em como brancocêntricas no interior das chamadas “comunidades” LGBTQI+”, as quais impõem violências de gênero ao relegar ou rejeitar os corpos de pessoas afeminadas ou de pessoas transexuais, travestis e transgêneras. Enfim, os espaços a serem reinventados em perspectivas decoloniais aparecem ou reaparecem de tantas formas que não há como se vislumbrar um espaço definido de decolonização. Esses movimentos de atitude decolonial surgem de onde se revelam os antigos ou novos atravessamentos das colonialidades.

A personagem drag da Amazônia que se veste de planta, Uyra Sodoma, e cuja imagem abaixo destacamos, tatua a vida mesma da floresta em si, projetando, nesse sentido, cenas da mulher indígena em defesa da fauna, flora e dos direitos LGBT. Com sua arte, propõe diálogos, percebidos por nós como gritos, verdadeiras denúncias, de atitude decolonial: uma ponte entre dois mundos. Os mundos das colonialidades da natureza, do gênero e das subjetividades são confrontados ou provocados para discutir outras perspectivas da vida com a floresta e com as dissidências de gênero. As pautas políticas decoloniais se misturam nesse corpo como tela dos

acontecimentos reivindicando a existência da floresta, das pessoas LGBT, dos rios, dos bichos etc. A invenção de outro bioma onde a morte dá lugar às vidas.

Figura 1- Uyra Sodoma: drag da Amazônia.



Fonte: Hypheness, 2021.

Santiago (1971, p. 11) no texto, O Entre Lugar do Discurso Latino-Americano, nos conta sobre agências de etnólogos que concordam em rasurar a história de um colonizador benevolente. Segundo ele, a vitória do branco se deve sobretudo ao uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia, atestada pelo aparecimento recorrente nos escritos dos portugueses e espanhóis.

Pensamos em rasuras a partir da leitura deste texto de Santiago (1971, p. 21) quando ele discute o trabalho do autor latino-americano não como tradução literal do modelo ocidental, mas com proposição de uma tradução, como pastiche, paródia e digressão. Entendemos o pastiche não como cópia fiel, mas uma imitação na qual pessoas autoras latino-americanas acrescentam sentidos, mesmo que com reproduções da ideologia europeia. A paródia, uma ressignificação com crítica e humor e a digressão como afastamento do modelo. Esse diálogo com o texto de Silviano Santiago nos provoca reflexões sobre as ações das pessoas autoras latino-americanas e, a partir delas, realizamos analogias sobre as agências artísticas de atitude decolonial.

O entre-lugar do discurso latino-americano, espaço indefinido, entre obediência e rebelião, é onde acontecem antropofagias, imaginadas por escritores latino-americanos modernistas, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, respectivamente, em Macunaíma

Página 9 de 22

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i1.763>

(1969) e Manifesto do Antropófago (1928), obras que funcionam como metáforas da deglutição cultural. Devoram-se as influências do colonizador e misturam-se a elas, elementos, olhares, sentimentos, ideologias deste entre-lugar. Os ecos coloniais, no sentido que temos defendido e na esteira de Santos (2007) em “o regresso do colonial”, persistem e existem, mas há opções decoloniais de degluti-las e vomitá-las transformadas, reescritas ou ressignificadas. De objeto a pessoa sujeita, de animal a humano, o latino inferiorizado pode escrever outras versões de vidas possíveis. O agir e o pensar de maneira decolonial demandam criatividade antropofágica de superação e convivência com as colonialidades. E é isso que Uyra Sodoma, drag da Amazônia, nos sugere.

Agir e pensar decolonialmente são gestos de re(ex)istência que acontecem também quando os sujeitos decidem não ser mais narrados e descritos pelo olhar ocidental e decidem eles mesmos contar e recontar suas histórias. Recusam o lugar de objeto e se assumem como os narradores de suas histórias, roteiristas de suas cenas. Tomam a atitude de criar cenas de ativismos de atitude decolonial que respondem às urgências e às emergências, narrando suas histórias e lutas. Pensamos que uma das principais potências dos ativismos decoloniais reside no movimento de exercer o papel de narradores, e não mais de objetos narrados e descritos. Com ousadia, recusam os papéis e as personagens que lhes são oferecidos. Tem a ver, esses ativismos, com a agência dos e das sujeitos e sujeitas subalternizados e subalternizadas, é dizer: com a sua capacidade de ação para além dos regimes de governação da vida.

Em 2021, foi exibido no Festival de Berlim, o filme *A Última Floresta* (2021), com roteiro de Bruce Albert e coautoria do líder indígena e escritor do povo yanomami, Davi Kopenawa Yanomami, longa-metragem no qual retrata a vida e os costumes dos yanomamis, trazendo cenas do cotidiano desse povo que vive isolado ao Norte de Roraima e ao Sul da Venezuela. Segundo Davi Yanomami, ao mesmo tempo, denuncia-se a presença ilegal do garimpo, em que mais de 20 mil garimpeiros ilegais desmatam a floresta, envenenam os rios e espalham doenças, incluindo o coronavírus. Em entrevista à *Amazônia Real*, Davi Kopenawa Yanomami afirma: “Os brancos não nos conhecem. Seus olhos nunca nos viram. Seus ouvidos não entendem nossas falas. Por isso, eu preciso ir lá onde vivem os brancos”. Ainda nesse sentido, o filme *A Última Floresta* (2021) e os ativismos investigados por Quesada (2019), nos sugerem possibilidades de potências de atitude decolonial. Tais produções recusam as narrativas da branquidade, ousam recontar ao mundo as suas versões das histórias, bem como denunciar as violências ainda praticadas como uma herança colonial. A relação com o território

que lhes é imposta pelo projeto de colonialidade global é impregnada das lógicas coloniais de exploração.

Para Maldonado-Torres (2019), a decolonialidade requer a emergência do condenado como pensador, artista que se junta à luta pela descolonização. O autor defende a tese de que o giro estético é um movimento em que o condenado se afasta da colonialidade da visão e do sentido. Esse autor argumenta que o ativismo de atitude decolonial inexistente fora da criação e do pensamento; tal ativismo funciona, em sua perspectiva, como uma agência que mobiliza as lutas contra os muros da modernidade/colonialidade pelo pensamento, criação e ação para mudar o mundo. Ele enfatiza que as lutas de atitude decolonial não podem ser individuais, e sim projeto coletivo a ser feito. Conforme ele diz: “O condenado deve acionar várias multiplicidades de atividades para mudar o mundo, pensamento e criatividade como estratégias para descolonizar o poder, saber e ser.” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 49).

Em pesquisas sobre ativismos com reflexos dos movimentos de descolonizações na decolonialidade, encontramos um coletivo de ação contínua, Tambores de Safo, grupo ativista político, feminista, e LGBTQIA que utiliza tambores, músicas, poesias e performances como ferramenta de resistência. Promove rodas de conversa, oficinas, realiza e participa de eventos, bem como faz parte do mapa cultural do estado do Ceará. No passado colonial, a formação de quilombos acontecia como opção decolonial. “Em resistência ao regime escravocrata, o aquilombamento se tornou uma alternativa para condição de subalternidade agregando populações livres, muitos cativos, negros, mestiços, indígenas e brancos pobres.” (PASTI; OLIVEIRA JÚNIOR, 2019, p. 2). Na performance, Dança dos Agbês dos Tambores de Safo, os tambores tocados por mulheres que dançam nos ritmos do candomblé denunciam as feridas do patriarcado e do capitalismo, expondo-os como heterorracistas, como um poder que silencia, nega, violenta e retira direitos. Amaral de Jesus, Rocha Soares e Oliveira Santos (2021, p. 144) destacam heranças coloniais violentas sobre os corpos das sujeitas negras e não cisgendradas como vidas que não importam e nos apontam uma rota de fuga. “Quando contamos histórias, não apenas reproduzimos eventos, fenômenos ou fatos: reinventamos e reconstruímos saberes sobre nós” (JESUS; SOARES; SANTOS, 2021, p. 143). Na performance em tela, as mulheres negras lésbicas e bissexuais encenam reinvenções e reconstruções sobre a lógica racista e patriarcal, capitalista ocidentalizada, demonizadora do candomblé como macumba e opressora de seus corpos de mulheres dissidentes da heteronormatividade em atitude decolonial para

“refundar narrativas e tornar re(e)xistências possíveis” (JESUS; SOARES; SANTOS, 2021, p. 143).

Nessa performance em cena, há também, denúncias contra o discurso de flexibilização dos direitos do trabalhador, ausências de políticas para implantação eficiente e universal da lei Maria da Penha e cotas raciais, reforma da previdência, tomada de terras indígenas e quilombolas.

Enfim, percebe-se um discurso contra pautas plurais, além das lutas de gênero e dissidência sexual, aparecem também reivindicações contra várias opressões do projeto global em que as colonialidades no âmbito da economia, da política e da cultura são contestadas. As lutas de classe se entrelaçam às lutas decoloniais.

Compreendemos os ativismos, então, como uma dessas possibilidades de pensamento e criatividade; mobilizações potentes de atitude decolonial, rebeldias artísticas contra injustiças, ocupações para inquietar, transformar politicamente os espaços e pensamentos norteados pelas colonialidades. As artes que sacodem a tendência de mundo universal (racista, patriarcal, heteronormativo, capitalista) são tentativas de colocar em cena pautas para um mundo habitável e vivível no Sul geopolítico.

O passado e o presente de distopias coloniais no Sul geopolítico impõem espaços inabitáveis, lugares desconfortáveis para as minorias oprimidas pelas colonialidades, que, para sair desses lugares, de maneira rebelde, elaboram utopias e heterotopias: outros espaços e espaços outros.

Desmantelar o poder através de outras formas de produção de conhecimento é um caminho pensado por Kilomba (2021), quem dialoga com a afirmação: “As áreas de atuação não podem existir isoladamente” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 49). Refletimos que essa articulação é necessária, uma vez que teorizar é uma forma de fazer política decolonial. Contudo, defendemos que as teorias devem sugerir e incitar não só reflexões acerca das colonialidades que oprimem e violentam as raças, os gêneros, as culturas e os saberes do Sul. Pesquisas que sejam e inspirem práticas decoloniais podem auxiliar nos processos de superação das violências. Análises que incitem outros olhares sobre as artes como forma de produção de conhecimento.

Santos (2011, p. 78) argumenta que as epistemologias do Sul apelam para um conhecimento nascido na e da luta e que, desses lugares de luta, projetam-se alternativas, bem como nascem projetos utópicos de uma sociedade mais justa. Essas formas artísticas como

linguagens transgressoras propõem subversões ao conhecimento como um dos protagonismos dos espaços acadêmicos e educacionais. As artes como forma de produção e criação de saberes são fortes em ações decoloniais e, por esse motivo, contribuem para reconfigurar politicamente a sociedade. É nesse contexto que irrompem as utopias, mas também as heterotopias, as quais nos forçam não a romanticamente imaginar um mundo perfeito, mas sim um mundo diferente. Um mundo outro.

UTOPIAS E HETEROTOPIAS, ROTAS DE FUGA ÀS COLONIALIDADES

Corpos dissidentes, pesquisadores, ativistas, artistas se insurgem dos abismos onde são obrigados a habitar. Re(ex)istem enfrentando fortes poderes, regimes de governação da vida. Recusam a neutralidade e se posicionam diante dos ecos coloniais. Lutas essas marginalizadas e, muitas vezes, descredibilizadas. Sair da zona do não ser (GROSFUGUEL, 2008), é dizer, mover-se no sentido da recusa à marginalização, à violência e à morte, nesse sentido, seria uma utopia? Uma heterotopia? Discutiremos, a seguir, utopia pelo olhar de Santos (2018), e heterotopia, por Foucault (1984), sem a intenção de colocá-las em oposição. Ambos os conceitos nos parecem interessantes, uma vez que cada um traz uma mirada potente para discutir os outros espaços imaginados ou criados pelos ativismos de atitude decolonial.

Diz Santos (2018, p. 324) sobre a utopia: “É necessário ser utópico hoje?” A utopia assenta, fundamentalmente, na ideia da necessidade e não da possibilidade”. Para entender essa pergunta, Boaventura de Souza Santos lança alguns exemplos, dos quais escolhemos um deles para, em seguida, tecer algumas reflexões. “O que seria a utopia no espaço da produção?” (SANTOS, 2018, p. 323). E, ampliando esse questionamento, poderíamos perguntar: O que seria a utopia dos corpos dissidentes de gênero? Talvez um lugar onde pudessem ser e existir plenamente. O que seria a utopia das populações negras? Uma sociedade antirracista que parasse de matar seus corpos e conhecimentos. O que seria a utopia das mulheres? Fim das violências físicas, psicológicas e patrimoniais impostas pela sociedade patriarcal e androcêntrica. O que seria a utopia dos povos indígenas e comunidades ribeirinhas e extrativistas? Preservação de seus territórios. Os ativismos de atitude decolonial questionam essas relações de poder. Os corpos rebeldes performam através de muitas artes, projetando utopias que reivindicam um mundo vivível e lugares habitáveis.

Santos (2018, p. 327) segue nas provocações: a utopia exige atos de des-pensar, pensar o impensável, desaprender o aprendido, e isso precisa ser construído coletivamente. O contrário disso seria o conformismo, redução à realidade.

Foucault (1986), em “De Outros Espaços”, por outro lado, discute utopias e heterotopias, através de uma metáfora, a do espelho. Vejamos:

Assim é a utopia do espelho. Mas é também uma heterotopia, uma vez que o espelho existe na realidade, e exerce um tipo de contra-acção à posição que eu ocupo. Do sítio em que me encontro no espelho apercebo-me da ausência no sítio onde estou, uma vez que eu posso ver-me ali. A partir deste olhar dirigido a mim próprio, da base desse espaço virtual que se encontra do outro lado do espelho, eu volto a mim mesmo: dirijo o olhar a mim mesmo e começo a reconstituir-me a mim próprio ali onde estou (FOUCAULT, 1986, p. 3).

O autor de A ordem do discurso discute utopia e heterotopia através dessa metáfora que nos ajuda a refletir sobre os artivismos de atitude decolonial. Para o autor, a utopia é o lugar sem nenhum lugar, sítios fora da realidade que apresentam uma realidade invertida da sociedade, ou uma versão aperfeiçoada da mesma. A metáfora do espelho tem continuidade, pois a imagem projetada ocupa um espaço que é modificado por essa imagem irreal. O corpo que se vê no espelho lança olhar sobre si e começa a se reconstituir no local onde está. Entrecruzamos os olhares de Santos (2018) e Foucault (1986) para refletir sobre as imagens que os artivismos projetam de uma sociedade diferente. Ainda dialogando com a metáfora do espelho, percebemos essas cenas como imagens de outras realidades projetadas no espelho e exibidas para o público. O corpo projeta suas utopias, imaginações irreais e heterotopias, espaços modificados, provocando os públicos a pensar e sentir diferente. Um protesto projeta denúncias, reivindicações ou possibilidades de existência. As imagens refletidas nesses espelhos aparecem para provocar sentimentos de revolta contra as opressões, identificação com lutas urgentes e adesão a elas, ou ainda trazer sentimentos de pertencimento a lutas identitárias.

As heterotopias, então, sejam como uma resposta das sociedades altamente reguladoras, seja, e como queremos aqui, e nisso apostamos, como instâncias subjetivação minoritária, lugar, ou melhor, contralugar e contratempo de afeto e afetações, abrem possibilidades muitíssimo interessantes de se analisar os modos de funcionamento do poder e, talvez, nos ajudem a pensar em maneiras de superá-lo. (CAETANO; LUCAS; SOUZA, 2021, p. 421).

Os autores acima exemplificam alguns espaços heterotópicos como resposta ao poder: sauna gay, guetos, clubes de sexo, linguagens pajubeyras. Isso nos provoca a pensar sobre as

infinitas possibilidades de localizações deslocadas desses espaços outros, dissidentes das colonialidades, não são apenas lugares de ativismos e artivismos, são espaços e possibilidades infinitas onde os comportamentos e linguagens destoam do modelo ideal imposto pelas sociedades reguladoras.

Voltando ao entrecruzamento entre utopias e heterotopias, imaginações, atos de repensar ou desconstruir pensamentos e projeções de espaços decolonizados acontecem desde a emancipação das colônias e ainda acontecem como respostas do poder. No caso das agências decoloniais, a ideia de ir além, desconstruir espaços do passado e presente de dominações e violências. Artivismos de atitude decolonial projetam outros cenários de lugares habitáveis sem exclusões e violências do sistema mundo. As projeções para provocar na sociedade a visualização através das cenas no espelho de que há espaços diferentes com possibilidades de que a vidas sejam vivíveis.

As dissidências de gênero e sexualidade são vítimas de violências físicas, políticas, psicológicas. São vidas colocadas como aberrações doentes e pecaminosas. A heteronormatividade se impõe como modelo legítimo e puro, impondo sobre as pessoas LGBTQIA+ o rótulo de impureza. “Peste Gay, câncer gay. Doença de homossexual, travesti, drogadito, imigrante, prostituta” (LUCAS; FERNANDES, 2021, p. 61). Esses são rótulos violentos violentamente lançados sobre esses corpos com vistas a atribuir às pessoas dissidentes de gênero e sexualidade a “culpa” pela origem e propagação de um vírus, o vírus do HIV.

Nesse contexto, o ativista Kako Arancibia de Belo Horizonte, Minas Gerais conheceu o trabalho da artista Eleonora Fabião, que convida as pessoas a conversarem sobre qualquer assunto nas ruas. O artista realizou uma ação performativa, convidando as pessoas para conversar sobre o HIV com intenções de desabafar sobre suas dores como soropositivo. O desabafo como forma de mostrar às pessoas que os corpos soropositivos sofrem pelo medo e preconceito que muitas e muitos manifestam.

Figura 2 - Performance Contagiar do artista, Kako Arancibia.



Fonte: Acervo pessoal do artista, Kako Arancibia. Fotografia: Marcela Mattos.

Kako pinta nas pessoas com quem conversa a palavra HIV, pedindo a elas para que caminhem pela rua exibindo essa pintura com o intuito de que elas sintam os olhares violentos que atravessam as pessoas que vivem com o vírus todos os dias. Caminhar com o HIV escrito no braço sugere um apelo ao público da performance, uma teatralização do corpo contaminado. O cenário imaginado nessa performance é ausente dos olhares de medo, espaço de acolhimento, afeto e de políticas públicas para uma vida digna para quem vive com o vírus. As reações que Kako recebe do público é de gargalhadas por se surpreender com a leveza que o assunto pode ter. O artista traz o contraste de leveza e alegria para desconstruir a narrativa imposta de tragédia, dor e sofrimento. Ele vê potência nesse contraste para provocar a imaginação de um outro espaço confortável, no qual viver com o vírus é possível. Reiteramos e destacamos: viver com o vírus. Não morrer com o vírus. É nesse sentido, pensamos, que o ativismo de Arancibia encaminha.

Ele convida as pessoas a criarem pontes para ativar outras narrativas pelo compartilhamento da humanidade, para provocar encontros e fricções entre mundos, para levar a horizontes mais justos e humanos. Levar essa conversa para o espaço público. Quando as pessoas sentam e conversam acontece uma troca de arte, política e terapia. O objetivo também é de que as pessoas que observam e conversam realizem outros contágios e transmitam as ideias trocadas. A pessoa que aceita sair “carimbada” com a palavra HIV+ pode ter as sensações do preconceito e também atuar politicamente contra o preconceito sofrido por esses corpos, produzindo com isso, talvez, uma rota de fuga ou ruptura com o tempo e espaço desconfortável. “Ruptura contra o tempo presente como se não houvesse nenhuma alternativa a ele” (SANTOS,

2011, p. 327). A performance de Kako Arancibia e outras performances artistas seriam tentativas de contagiar, multiplicar as ideias de novos tempos e espaços de acolhimento.

Compreendemos que forçar as rupturas e desconstruções, traçar rotas de fuga é uma alternativa potente. Forçar o fim das práticas violentas do racismo, capitalismo, patriarcado, heteronormatividade são urgências e emergências, pois os corpos ou territórios violentados pelas heranças coloniais são vítimas de lógicas cruéis que matam. As agendas de rupturas são atos criativos acionados e acessados por diversas áreas. Os ativismos de atitude decolonial aparecem ou reaparecem, como forma potente para desmontar as redes de opressão de ontem e hoje.

Os ativismos de atitude decolonial insurgem-se com criatividade para apresentar suas respostas aos regimes de governação da vida. Essas pessoas artistas apresentam cenas como personagens rebeldes que recusam estereótipos, os tempos e os espaços das narrativas que lhes são impostas pelos ecos coloniais. Através das linguagens artísticas tentam acionar variados sentimentos, do amor ao ódio. Mas sobretudo da reação e da re(ex)istência. Em seus atos de fala, enunciam sobre as violências que sofrem. Em seus aparecimentos, acariciam com suavidade, invadem violentamente ou ocupam com ousadia os espaços apropriados como cenários, e as estratégias criativas são inventadas com formas de interação diferentes. Tentam tocar os públicos de alguma forma.

Percebemos os(as) artistas em atitude decolonial como formadores políticos. Nessas formações políticas, dialogam e argumentam em favor de mudanças, colocando-se como rebeldes inconformados com as heranças coloniais, defendendo suas teses e pontos de vista sobre suas existências como pessoas artistas agitadoras. “O 'ativismo' nada mais é do que fazer essa agitação, essa política e comunicação cada vez mais definidas dentro do argumento artístico” (O TEMPO, 2021) . Essas pessoas assumem os papéis de narradoras e protagonistas de suas histórias e criam epistemologias decoloniais, vislumbrando realidades habitáveis, existências não marginalizadas, portanto, vivíveis, em abstratos espaços democráticos por elas (re)imaginados e projetados.

Nós, do Sul geopolítico, vivemos uma distopia do passado-presente, a passividade não é opção, a luta de atitude decolonial acontece para nos provocar como sujeitos e sujeitas capazes, fortes e, acima de tudo, viáveis.

REFERÊNCIAS

ARTE e Ativismo na América Latina- Ano III. Despina [on-line], 2018. Disponível em: <https://despina.org/arte-e-ativismo-na-america-latina-2018/>. Acesso em: 30 maio 2020.

A ÚLTIMA Floresta, filme do xamã Davi Kopenawa Yanomami, estreia no Festival É Tudo Verdade. Instituto Socioambiental, 2021. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/a-ultima-floresta-filme-do-xama-davi-kopenawa-yanomami-estreia-no-festival-e-tudo-verdade>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALENCAR, José de. **O guarani**. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1843. Acesso em: 07 fev. 2017.

ALMEIDA, Eliene Amorim; SILVA, Janssen Felipe da. Abya Yala como território epistêmico. **Interritórios: Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco Caruaru, BRASIL**, v. 1, n. 1 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cuBHV>. Acesso em: 08 maio 2021.

ALÓS, Anselmo Pereira; LUCAS, Carlos Henrique de; ROCHA, Carlana Faria. Emergências e Urgências dos Artivismos De(s)coloniais. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p.65-85, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11245>. Acesso em: 28 set 2021.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 8, n. 1, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ATLAS da violência. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, [s. d]. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernando. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista** [Online], vol. 26, n. 1, p.15-40, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2020.

COLLING, Leandro (org.). **A emergência e algumas características da cena artista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil na atualidade**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 11-40.

DE HOLANDA, Francisco Uribam Xavier. Crise da Democracia e Decolonialidade Do Poder. **Ciências Sociais**, [s. d], [s. l]. Disponível em: <https://cienciassociais.ufc.br/wp-content/uploads/2020/05/crise-da-democracia-e-descolonialidade.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

DERRIDA, Jacques. ROUDINESCO, Élisabeth. Políticas da diferença. **De que amanhã...** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 32-47. Disponível: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Elisabeth-Roudinesco-e-Derrida-De-que-amanha.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2022.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais/** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 27 fev. 2020.

EMICIDA: **AmarElo - É tudo pra ontem**. Direção: Fred Ouro Preto. São Paulo: Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81306298>. Acesso em: 10 ago. 2021.

EMICIDA: **AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte)**. Compositor: Emicida. Gravadora: Laboratório Fantasma. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 04 maio 2022.

EPISÓDIO 02: Artivistas, corpos rebeldes. **Performances e diálogos com os artivistas. Performances ediálogos com os artivistas**. Direção: Carlana Faria Rocha. TV Humanidades, 2020. 1 vídeo (28 min. 10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mYQ4zxiM08Y&feature=youtu.be>. Acesso em: 05 abr. 2020.

FERNANDES, Fábio de Sousa; LUCAS, Carlos Henrique de. AIDS e Imagem: da epidemia de mortes à proliferação de estigmas. In: LUCAS, Carlos Henrique de.; SANTOS, Terezinha Oliveira. (org.). **Temas Contemporâneos em Ciências Humanas e Sociais**. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2021. p. 61-86.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Tradução: Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 372.

GALEFFI, Dante Augusto. O anti-intelectualismo nazi-capitalista emergente e o papel do conhecimento científico, filosófico, artístico e místico como resistência crítica e criadora na difusão social do conhecimento. **Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais**, [Online], v. 1, n. 01, p. 07–24, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/648/911>. Acesso em 10 jul. 2021.

GROSGOUEL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 11 out. 2020.

GROSGOUEL, Ramon. What is Racism? **Journal of World-Systems Research**. [S. l.], v. 22, n. 1, p. 9-15, 2016b. Disponível em: <https://jwsr.pitt.edu/ojs/jwsr/article/view/609/743>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GROSGOUEL, Ramon. Do ‘extrativismo económico’ ao ‘extrativismo epistêmico’ e ‘extrativismo ontológico’: uma forma destrutiva de conhecer, ser e estar no mundo. **Tabula Rasa** [online], n. 24, p. 123-143, 2016a. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n24/n24a06.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

ÍCARO, Pedro. Índios yanomamis pedem ajuda após ataques constantes de garimpeiros. **Correio Braziliense**, 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/05/4925686-indios-yanomamis-pedem-ajuda-apos-ataques-constantes-de-garimpeiros.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

INDICADORES Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**, 2022. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

JAREMTCHUK, Dária. Abdias do Nascimento nos Estados Unidos: um ‘pintor de arte negra’. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 32, n. 93, p. 263-282, 2018. DOI: 10.5935/0103-4014.20180044. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152633/149101>. Acesso em: 08 set. 2021.

JESUS, Luziane Amaral de; SOARES, Mayana Rocha.; SANTOS, Terezinha Oliveira. Letramento Racial Crítico na Educação Superior. In: LUCAS, Carlos Henrique de; SANTOS, T. O. (orgs); **Temas Contemporâneos em Ciências Humanas e Sociais**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2021. p. 143-159.

JUCÁ, Beatriz. Duas crianças yanomami mortas, sugadas por uma draga da exploração ilegal de minério. **El País**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-16/duas-criancas-yanomami-mortas-por-uma-draga-de-exploracao-ilegal-de-minerio-diante-da-omissao-do-governo.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOPENAWA, Davi. Davi Kopenawa: “Eles são contra nossa vida porque protegemos a terra que o avô deles queria roubar”. Entrevista cedida à Victoria Franco. **Amazônia Real**. 2019. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/davi-kopenawa-eles-sao-contra-nossa-vida-porque-protegemos-a-terra-que-o-avo-deles-queria-roubar/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LIMA, Juliana Domingos de. A dismantelar o poder: Artista multidisciplinar Grada Kilomba fala sobre caminhos para subverter uma história colonial de 600 anos”. **EOA**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/grada-kilomba-todas-as-crieses-que-temos-sao-baseadas-em-600-anos-de-historia-colonial/#cover>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. Minorias, violências, direitos: sinalizações para o respeito às dissidências de gênero e sexualidade. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 3, p. 39–49, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16868/11907>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **Linguagens pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade**. 1.Ed. Salvador: Devires, 2017.

LUCAS, Carlos Henrique de.; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; SOUZA, Denise Diele Alves de. Invenções heterotópicas no Oeste da Bahia: a experiência do curso de Pré- ENEM do Programa de Extensão Re(ex)sistência LGBT. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 487-503, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/download/12166/8359>. Acesso em: 10 out. 2021.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonialismo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n.3, p. 935-952, setembro-dezembro/2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqnbz/?lang=pt>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MACUNAÍMA. Direção: Joaquim Pedro Andrade. Brasil. Cinemateca Brasileira, 1969. 1 vídeo (98 min.). Canal Bortao. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoyYFumkOqU>. Acesso em: 20 maio 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas”. In: Bernardino-Costa, J.; Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 27-54.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, e329402, 2017. Acesso em: 08 ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MIGNOLO, Walter. Novas reflexões sobre a "idéia da América Latina": a direita, a esquerda e a opção descolonial”. In: **Caderno CRH** [Online], v. 21, n. 53, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/MXjkNYT8BhfGskg38P46csk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2020.

MORRE Jaider Esbell, artista indígena estrela da Bienal de SP, aos 41 anos. **O TEMPO**, 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/morre-jaider-esbell-artista-indigena-estrela-da-bienal-de-sp-aos-41-anos-1.2564261>. Acesso em: 05 maio 2021.

O’ROURKE, Michael. Que há de tão queer na teoria queer por-vir? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [Online], v. 76, p. 127-140, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/870>. Acesso em 27 mar. 2021.

PASTI, Renato; OLIVEIRA JÚNIOR, Gilson. Qual quilombo? O pensamento pós-colonial e decolonial na reelaboração simbólica dos quilombos. **Revista De História Da UEG**, v. 8, n.1,

2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/8533>. Acesso em: 10 mar.

POTIGUARA, E. **Metade cara, metade máscara**. ed 1. Lorena: Uka editorial, 2018.

QUESADA, Luis Roberto Andrade. **Artivismo indígena e indigenista**. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Estadual Paulista em Franca, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190791>. Acesso em: 8 abr. 2021.

QUIJANO, Aníbal. “Bien vivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder.” In: CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507045047/eje3-10.pdf>. Acesso em 07 nov. 2021.

RIO NEGRO. ‘**A Última Floresta**’, filme do xamã Davi Kopenawa Yanomami, estreia no Festival É Tudo Verdade. Instituto Socioambiental. [s.l], 15 abr. 2021. Disponível em: <https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/a-ultima-floresta-filme-do-xama-davi-kopenawa-yanomami-estrela-no-festival-e-tudo-verdade>. Acesso em: 30 maio 2022.

RAPOSO, Paulo. Artivismo: articulando dissidências e criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/909>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos: CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Na oficina do sociólogo artesão**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, Flávio José da Rocha. Transnacionais: o avanço do capital e os impactos socioambientais em comunidades locais. **Revista Ponto-e-Vírgula** [Online], n. 13, 1º semestre de 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/download/14843/14462/0>. Acesso em 20 abr. 2021.

UYRA Sodoma: drag da Amazônia, arte-educadora, ponte entre mundos, filha do diálogo. Hypeness, 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/05/uyra-sodoma-drag-da-amazonia-arte-educadora-ponte-entre-mundos-filha-do-dialogo/>. Acesso em: 02 fev. 2022.